

# O QUE FAZ FALAR A CIDADE<sup>(\*)</sup>

*Marília Dalva Magalhães Carneiro<sup>(\*\*)</sup>*



A cidade, conjunto de signos, com seus mitos, ritos, imagens às vezes evocados apenas a uma forma, a uma cor, a uma esquina, com um conjunto pictórico, deve transmitir seu caráter histórico, conservar sua memória onde o antigo mantém um significado presente embora diverso do significado original.

<sup>(\*)</sup>O texto compõe parte de estudo realizado no Curso de Especialização em Arte e Cultura Mineira, quando noventa residências foram fotografadas com o patrocínio do Foto Elias. Agradecimentos especiais a Miguel Aun.

<sup>(\*\*)</sup>Professora e Membro da Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC•MG, Professora do Curso de Arquitetura das Faculdades Metodistas Integradas Isabela Hendrix.

Este significado não é estático, muda com o tempo, evolui dentro do sistema de configuração urbana, onde a dinâmica tem por base a relação entre arquitetura e paisagem urbana, forma e contexto em um contínuo processo dialético: língua e palavra, as arquiteturas, enquanto palavra, falam da matéria, da luz, da cidade, das pessoas que a habitam e são os componentes de estruturação e significação da paisagem, onde o vazio urbano ordena o conjunto positivo/negativo criando praças, dando lugar à vegetação, proporcionando encontros e ambientando as construções de seu entorno.

A arquitetura cria intencionalmente no ambiente um sistema de relações contendo formas e significados que são concretizações de modelos culturais.

O valor simbólico da arquitetura está na relação de seu plano de expressão com seu plano de conteúdo, formando uma estrutura perceptiva onde a qualidade formal não é igual à qualidade arquitetônica; uma forma interessante perde seu sentido se não for expressa corretamente.

Certas formas traduzem em si certos significados. O código da arquitetura possui um repertório de signos selecionados e combinados, que podem sofrer perdas perceptivas nas grandes cidades, e ao longo do tempo. Edifícios gigantescos invadem a cidade criando um espaço subliminar que impede a apreensão de outros códigos existentes que anteriormente tinham um diálogo harmônico com o entorno.

O processo de formação do repertório arquitetônico conta com escolha e recombinação de modelos existentes. A criação original não consiste em infringir o sistema, mas em utilizá-lo de tal forma que desvele novas possibilidades "ocultas".

A tradição arquitetônica é a base para novas invenções, ela tem o poder de orientar o processo evolutivo da criação.

O conhecimento de modelos antigos e novos, seus princípios estruturais de linguagem, suas relações com a arte e a cultura são a força criadora da produção e do ensino da arquitetura.

Compreender a gênese e a evolução histórica da obra arquitetônica é um meio didático-pedagógico que fornece competência para um desempenho criativo.

A leitura de modelos arquitetônicos investigando a sintática e a semântica de suas formas, suas relações com o contexto, proporcionam

uma constante renovação no processo de concepção do projeto. Conceito, tipologia e lugar formam o tripé que sustenta toda a arquitetura. É nesta relação que se estabelece o ato criador na arquitetura.

Uma pesquisa da linguagem arquitetônica no Bairro de Lourdes, Belo Horizonte, em obras do início do século, demonstrou grande número de construções em estilo eclético. Bastante representativas em termos expressivos.

O ecletismo é resultado de contaminação existente na tradição arquitetônica, onde os volumes são concebidos como um conjunto de diversas formas adicionadas e a unidade não é um fator determinante mas a "bricolagem" dos elementos que muitas vezes travam entre si um diálogo pitoresco e ao mesmo tempo intrigante pela expressividade contida em suas formas. Estes elementos pertencentes a diferentes estilos são, na maioria das vezes, demasiadamente detalhados, deformados em suas proporções e podem conter referências simbólicas a mundos idealizados. Frequentemente, estas combinações se tornam simulacros, tentativas audaciosas e engraçadas na busca da criação de novas linguagens.



O ecletismo estabelece um sistema de relações entre os códigos da tradição arquitetônica, fazendo a ligação entre tradição e memória.

Construções ecléticas referenciadas simbolicamente pela torre, uma ressemantização de valores aristocráticos, evocando os castelos medievais.

Este conjunto foi encontrado em várias versões, onde a torre pode ser somente um elemento simbólico ou um elemento funcional, contendo a circulação vertical.



nos chalés nos remete a valores estereotipados e românticos de um mundo mágico onde há até personagens como anões, sapos, etc... Estão presentes contaminações da arquitetura americana, onde a simplificação do ornamento e a tendência à geometrização são marcos da transição para a arquitetura moderna.

A arquitetura eclética busca recuperar valores tradicionais mudando a *sintaxis* de um novo timbre, uma nova maneira de articulação. Tradição e contaminações são caminhos para o surgimento de novas linguagens.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARGAN, G. Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: M. Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- COLQUHOUN, Alan. *Arquitectura moderna y câmbio historico*. Barcelona: G. Gili, 1978.
- ECO, Umberto. *As formas do conteúdo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FERRARA, L. D. *A estética dos signos*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- NORBERG-SCHULZ, C. *Intenciones en arquitectura*. Barcelona: G. Gili, 1979.